

Ciotta Neves, Rita

A Perspetiva Pós-Colonial de Antonio Gramsci: Os Subalternos
Babilónia. Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução, núm. 8-9, 2010, pp. 59-64

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Lisboa, Portugal

Disponible en: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=56118082005>



Babilónia. Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução

ISSN (Versión impresa): 1645-779X

tradutores_interpretes@ulusofona.pt

Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias
Portugal

A PERSPETIVA PÓS-COLONIAL DE ANTONIO GRAMSCI: OS SUBALTERNOS

Rita Ciotta Neves

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias /
Universidade Lusófona do Porto

O artigo relaciona o pensamento de Antonio Gramsci com as teorias dos Estudos Subalternos. Enquadra também estes Estudos no mais abrangente panorama dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais.

Palavras-chave: Gramsci, Estudos Subalternos, Estudos Culturais, Estudos Pós-Coloniais.

L'articolo mette in relazione il pensiero di Antonio Gramsci con le teorie degli Studi Subalterni. Allo stesso tempo, inquadra questi Studi nel più ampio panorama degli Studi Culturali e Postcoloniali.

Parole chiave: Gramsci, Studi Subalterni, Studi Culturali, Studi Postcoloniali

«Os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e se insurgem: só a vitória 'permanente' quebra, e não imediatamente, a subordinação»

Antonio Gramsci

«A tradição dos oprimidos ensina-nos que o estado de exceção em que vivemos é a regra»

Walter Benjamin

«On peut tuer en Indochine, torturer à Madagascar, emprisonner en Afrique Noire, sévir aux Antilles. Les colonisés savent désormais qu'ils ont sur les colonialistes un avantage. Ils savent que leurs 'maîtres' provisoires mentent»

Aimé Césaire

«Le post-colonial designe une situation qui est celle, de fait, de tous les contemporains. Nous sommes tous, en des formes différentes, en situation postcoloniale»

Georges Balandier

Em *Paris, capital do XIX século*, Walter Benjamin sugeria que, para chegar à essência técnica e estética da música moderna, devia-se percorrer a cidade, apanhando os resíduos urbanos, os fragmentos das suas histórias e linguagens, os sons perdidos pelas ruas, os

signos não interpretados. Devia-se, a seguir, misturar tudo isso num amálgama híbrido e ainda irreconhecível até dele brotar um som novo, um ritmo diferente, um significado que não existia. Esta procura duma entidade e identidade novas, reconstruídas através dos detritos esquecidos no passado, através dum trabalho de pesquisa arqueológica e de historiografia rigorosa, mas ao mesmo tempo totalmente inovadora, poder-se-á definir como a finalidade última dos Estudos Subalternos.

Criados no início dos anos 80, os Estudos Subalternos foram fundados por Ranajit Guha, juntamente com um grupo de sociólogos e historiadores de origem indiana, embora a maioria deles ensinassem em universidades do mundo ocidental. O objetivo era reabrir a pesquisa sobre a história do colonialismo na Índia, refletindo sobre o percurso colonial dum ponto de vista radicalmente diferente: através do *olhar* e da *voz* do subalterno.

O primeiro volume dos *Subaltern Studies: Writings on South Asian History and Society*, publicado por Guha em 1982, era abertamente subversivo e causou grande escândalo no mundo académico indiano, constituído na altura por académicos que defendiam o nacionalismo, historiadores ou abertamente de direita ou pertencentes à esquerda oficial e que viam com desconfiança o nascimento do novo grupo. Mas, apesar da hostilidade académica, os Estudos Subalternos afirmam-se, animados também pelo interesse pelos Estudos Pós-Coloniais, que ao mesmo tempo floresciam em muitas universidades americanas. E é interessante salientar que os Estudos Subalternos, nascidos como variante especificamente indiana dos Estudos Pós-Coloniais, alargaram gradualmente a sua esfera de influência, até abrangerem, hoje em dia, os estudos sobre os «subalternos de todo o mundo», Ocidente incluído, e nomeadamente sobre todos os grupos marginalizados pela história, como as mulheres, os exilados, os refugiados, as minorias étnicas, religiosas, linguísticas... Posição que, evidentemente, os aproxima novamente da matriz-mãe dos Estudos Pós-coloniais e da matriz ainda mais abrangente dos Estudos Culturais, que são a origem primeira de toda a sensibilidade pós-colonial e subalterna.

Os Estudos Culturais nascem no segundo pós-guerra, na Universidade de Leeds, na Inglaterra, com o objetivo de «educar» a classe trabalhadora inglesa num âmbito universitário. Nos anos 60 e 70, os Estudos consolidam-se a partir do trabalho do anglo-jamaicano Stuart Hall, diretor do centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham. Os Estudos Pós-Coloniais afirmam-se, por sua vez, no fim da década de 70, quando a herança estruturalista e formalista começa a declinar, já inseridos numa dimensão de maior globalização política e cultural. O conceito de *classe* deixa o lugar ao conceito de *sujeito*, com as suas características sociais, ideológicas, sexuais, religiosas. Entre os seus pais fundadores, ocupam um lugar fundamental o pensamento e a obra de Edward Said, o escritor palestino emigrado nos Estados Unidos que com o *Orientalismo* reabre o debate e os estudos sobre o colonialismo.

É neste âmbito que nascem os Estudos Subalternos e é também neste espaço múltiplo e aberto que ouvimos a voz fecunda e profética do teórico italiano António Gramsci.

Aliás, as duas análises sócio-políticas efectuadas por Gramsci e pelos teóricos dos Subalternos, têm como ponto de partida, ambas, a história de uma derrota. Gramsci, encarcerado nas prisões fascistas, onde passará os últimos dez anos da sua vida, reflete,

nos anos, 30 sobre a derrota das lutas operárias da década de 20, na cidade de Turim. Os historiadores dos Subalternos refletem, igualmente, sobre a «derrota» do povo indiano, que lutou pela independência do domínio colonial, mas que no novo estado nacional continua a não ter nem direitos, nem voz. É por isso, dizem os Subalternos, que o nosso objetivo deve ser de «reescrever a história» do nosso país, para relatar o que foi ocultado pela historiografia oficial. Também porque muito daquele passado continua no presente, imutável.

Segundo a teórica Gayatri Spivak, também ela indiana e emigrada nos Estados Unidos, esta operação corresponde a uma prática rigorosa de desconstrução histórica, dificultada muitas vezes pela falta de fontes atendíveis, precisamente pela falta das vozes dum povo a quem nunca se permitiu que falasse.

Perspetivas que se ligam historicamente a movimentos surgidos noutras partes do planeta, como o relacionado com o conceito de *negritude*, teorizado pelos poetas negro-caribenhos Aimé Césaire e Leopold Senghor. A *negritude*, escreve Aimé Césaire:

não é uma metafísica. Não é uma pretenciosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história na história: a história duma comunidade cuja experiência é, de certo modo, singular, com todas as suas deportações de povos, as suas deslocções de homens dum continente para outro, as recordações de crenças longínquas, os seus farrapos de culturas assassinadas. (2004, 82)

O que leva Césaire a refletir também sobre a ideia de identidade:

Falaria, então, não de etnicidade, mas de identidade, palavra que designa claramente o que designa: o que é fundamental e sobre o qual se edifica todo o resto: o cerne duro e irredutível; o que dá a um homem, a uma cultura, a uma civilização a sua personalidade própria, o seu estilo e a sua irredutível singularidade. (2004, 89)

Atualmente, é difícil delimitar uma linha de demarcação precisa entre Estudos Pós-Coloniais e Estudos Subalternos, embora alguns estudiosos apontem para uma diferença de posição política, que vê, por exemplo, um dos grandes nomes dos Pós-Coloniais, Homi Bhabha, distanciar-se da posição política marxista de muitos teóricos da aventura subalterna, mas, na verdade, o diálogo e a colaboração continuam abertos e produtivos. Lembramos, no âmbito dos Estudos Subalternos, além do fundador Guha, os nomes de Chakrabarty, Spivak, Chatterjee e Appadurai, cujas obras despertaram a curiosidade também de muitos teóricos ocidentais, como, entre outros, Toni Negri, que em *I codici svelati del Colonialismo* analisa o período pós-colonial, individuando nos estudos sobre a subalternidade um «formidável instrumento de luta». Destacamos também a obra *Provincializing Europe* de Chakrabarty, onde o autor distingue entre uma *História 1* e uma *História 2*. A primeira é a história associada ao sistema capitalista e, por conseguinte, ao colonizador. A segunda, própria do colonizado, surge de «narrações afetivas», tendo uma natureza autónoma e subversiva. O objetivo é fazer penetrar alguns elementos da segunda história dentro da primeira, para a desestabilizar e pôr em discussão.

Lembramos igualmente uma ideia interessante, que nos vem da obra de Spivak, a ideia de «consciência subalterna», que representa a «consciência colectiva emergente» e constitui um dos temas fundamentais dos Estudos Subalternos. Escreve Spivak:

O grupo (dos Estudos Subalternos) desenvolve a teoria da consciência colectiva emergente ao confrontar-se directamente com aquela tendência do marxismo ocidental que recusou a consciência de classe do subalterno pré-capitalista, sobretudo no cenário do imperialismo. (2004, 118)

A referência ao pensamento de Gramsci, entre os estudiosos do subalterno, aparece logo no prefácio do primeiro volume dos *Subaltern Studies*, assinado por Ranajit Guha. Guha, que após ter traçado o objetivo dos novos estudos, menciona Gramsci logo na página inicial, escrevendo: «Não posso esperar, naturalmente, que o peso dos contributos reunidos neste volume possa mesmo remotamente igualar o projeto em seis pontos idealizado por Antonio Gramsci nas suas *Notas sobre a História de Itália* (1988, 29).

E, de facto, é a partir dum pequeno texto de Gramsci, intitulado «Nos Confins da História», integrado nos *Cadernos do Cárcere*, que Guha e os historiadores do seu grupo começam a trabalhar sobre o conceito e a história dos subalternos. Gramsci escreve:

A história dos grupos sociais subalternos é necessariamente desagregada e episódica. Não há dúvidas que na atividade histórica destes grupos existe a tendência à unificação, embora num plano provisório, mas esta tendência é constantemente quebrada pela iniciativa dos grupos dominantes e, por isso, pode ser demonstrada só quando o ciclo histórico estiver concluído, se ele terminar com um sucesso. Os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e insurgem: só a vitória “permanente” quebra, e não imediatamente, a subordinação. Na realidade, mesmo quando parecem triunfar, os grupos subalternos estão unicamente num estado de defesa e de alarme (...). (2007, 2283)

O interesse por Gramsci corresponde à «descoberta», pelos estudiosos do subalterno, duma certa filosofia ocidental representada, entre outros, pelos nomes fulcrais de Foucault e Althusser, cujas teorias «revisitam» o pensamento de Marx, tentando uma depuração das falsas interpretações feitas a seu respeito e, ao mesmo tempo, um enriquecimento das suas teorias. Gramsci, aliás, trabalha toda a vida com este objetivo: repensar e reescrever Marx contra o reducionismo que derivava dum positivismo demasiado simplista¹.

Mas já antes da redação dos Cadernos, todos escritos durante os anos da prisão, de 1927 a 1937, Gramsci tinha-se interessado por esta temática, mais precisamente num dos seus textos mais marcantes, escrito pouco antes de ser preso pela polícia fascista, em Roma. O texto chama-se *Algumas Notas Sobre a Questão Meridional*, um texto inflamado que se levanta contra a injustiça social endémica e o subdesenvolvimento que martirizavam e ainda, embora doutra forma, martirizam o sul da Itália.

1 Lembramos, neste sentido, a valorização da super-estrutura cultural e política considerada por Gramsci fundamental para a realização duma verdadeira transformação social. Valorização teorizada por Marx, mas descurada pelo socialismo de cariz positivista.

Gramsci era sardo e a ilha da Sardenha, assim como todo o *Mezzogiorno* italiano, era visto por ele como uma grande colónia, com as mesmas características dum território estrangeiro colonizado: marginalização em relação ao centro do poder, subdesenvolvimento, corrupção, falta duma verdadeira estrutura industrial, abandono da agricultura. Gramsci escreve: «A burguesia setentrional subjugou a Itália meridional e as ilhas, reduzindo-as a colónias de exploração (...) O *Mezzogiorno* pode ser definido como uma grande desagregação social; os camponeses, que constituem a maior parte da sua população, não são minimamente coesos entre eles» (Vacca 2007, 116 e 120).

A mesma desagregação que será apontada mais tarde, pelos teóricos indianos, como uma das características mais negativas entre o grupo dos subalternos. Segundo Gramsci, a falta de coesão e de organização torna os subalternos social e politicamente impotentes, embora possam acontecer explosões espontâneas de revolta, mas que, se não forem canalizadas, não terão nenhum resultado duradouro.

Outro aspeto que une o pensamento gramsciano às teorias dos Subalternos é o debate acerca da *hegemonia*. Gramsci constrói o conceito de hegemonia à volta da figura do intelectual, fazendo a distinção entre *intelectual orgânico* e *intelectual tradicional*. O orgânico assume a função dum «funcionário da classe dominante», enquanto que o tradicional testemunha da herança do passado e expressa a cultura da velha formação social. Evidentemente, Gramsci preconiza aqui o intelectual orgânico da classe operária, mas não só, pois Gramsci defende que o poder não seja só o domínio duma classe, mas derive dum «bloco histórico» composto por diversas forças sociais. A hegemonia, guiada assim pelos grupos de intelectuais, deve levar a uma força política que governe, e é esta uma das ideias mais importantes do teórico italiano, não através da força, mas do *consenso*.

Ou seja, Gramsci percebe que o universo ideológico, ético, sexual, em suma cultural, é de importância fundamental e que só controlando também este plano se poderá chegar a um verdadeiro e sólido poder.

O segundo ensinamento gramsciano é que a história que aprendemos não é a «verdadeira». A verdadeira tem que ser desvendada através do estudo dos fragmentos que nos chegam do passado. Gramsci dá o exemplo do *Risorgimento*, o conjunto das lutas diplomáticas e militares que levaram à unificação da Itália. Neste período o povo suporta *passivamente* o momento revolucionário, não tendo nenhuma margem de intervenção activa. Quem contará, então, a sua história, quem o deixará *falar*?

A terceira lição gramsciana tem a ver com um conceito de grande interesse e modernidade: a ideia que a análise social e política não se pode basear unicamente em parâmetros temporais, mas também espaciais. Gramsci, de facto, introduz no seu discurso os conceitos de Norte e Sul, de Leste e Oeste e a partir destes elabora as suas pesquisas, chegando, como lembra Iain Chambers (2009), a uma ideia original de possível mistura entre o meridionalismo e o orientalismo. Uma ideia que corresponde ao nosso período pós-moderno, quando um número enorme de pessoas se desloca constantemente pelo planeta, numa procura, muitas vezes traída, duma vida melhor. É aquela multidão que Said define com a expressão «gente sem documentos», quer em sentido burocrático, quer

histórico e que vive sem ter um verdadeiro acesso ao mundo do capitalismo globalizado. Dispersos, permanentemente exilados.

Concluimos com um pensamento do historiador Iain Chambers, sempre muito atento às problemáticas do colonialismo e do subalterno. Segundo Chambers, é um erro pensar que os monstruosos factos históricos vividos no Ocidente, como por exemplo o nazismo, constituem um «acidente». Um desvio da norma que em nada alteraria a importância da centralidade histórica e epistemológica do mundo ocidental. Ao contrário, diz Chambers, devemos perceber que esta centralidade ocidental tem a sua origem numa raiz igualmente monstruosa, feita de violência e de abusos.

O pensamento ocidental está marcado, desde sempre, por genocídios, limpezas étnicas, ideologias racistas. Uma situação ignorada, voluntariamente ou não, por muitos, que se recusam a ouvir a voz de quem aparentemente já não tem voz. Mas atenção, porque, como já Benjamin avisava, «os mortos continuam a falar».

Bibliografia

Balandier, Georges. 1957. *Afrique ambiguë*. Paris: Plon.

Bhabha, Homi. 2001. *I luoghi della cultura*. Roma: Meltemi.

Césaire, Aimé. 2004. *Discours sur le colonialisme*. Paris: Presence Africaine.

Chambers, Iain. 2006. *Esercizi di potere*. Roma: Meltemi.

_____. 2009. «La sfida post-coloniale», em *Gramsci: le culture e il mondo*. Roma: Viella.

Gramsci, Antonio. 2007. *Quaderni del Carcere*. Torino: Einaudi.

Guha, Ranajit e Gayatri Spivak. 1988. *Subaltern Studies*. Verona: Ombre Corte.

Hall, Stuart e Miguel Mellino. 2007. *La cultura e il potere*. Roma: Meltemi.

Negri, Toni. 2004. *I codici svelati del Colonialismo*. Roma: Il Manifesto.

Neves, Rita Ciotta. 2009. «Os estudos pós-coloniais: um paradigma de globalização», em *Babilónia: Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*. nº6/7, 231- 239. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Said, Edward. 1999. *Orientalismo*. Milano: Feltrinelli.

Spivak, Gayatri. 2004. *Critica della ragione postcoloniale*. Roma: Meltemi.

Vacca, Giuseppe. 2007. *Antonio Gramsci: Nel mondo grande e terribile*. Torino: Einaudi.